INCT Brasil Plural

Comunicação Científica

Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia

SEGUNDO ENCONTRO – 19 DE JUNHO DE 2026

Alguns apontamentos sobre a Comunicação Científica

- Pandemia de Covid-19, a partir de 2020, como um marco temporal para a relação da ciência com a população
- Ao mesmo tempo em que a comunicação científica passa a ter um papel preponderante para questões específicas sobre a doença, uma verdadeira infodemia, como muitas fake news, coloca a ciência em descrédito
- Questionamento de protocolos científicos em vez de alertar a população sobre os riscos (governos, mercado, CFM)

Fonte: **Manual de Sobrevivência para Divulgar Ciência e Saúde**

Autoras: Catarina Chagas, Luisa Massarani

Ed. Fiocruz, 2020

Alguns apontamentos sobre a Comunicação Científica

- Essa relação ciência e sociedade já vinha desgastada com os movimentos antivacina da década de 2010
- Ainda assim, segundo as autoras, havia um alto índice de confiabilidade na ciência, de acordo com uma pesquisa de 2019, do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), uma organização social do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI)
- Os cientistas como uma fonte de crédito por parte da população

Relação dos cientistas com as mídias

- Pesquisa de 2016, feita por uma das autoras, com 956 bolsistas de produtividade do CNPq
- Avaliam positivamente sua relação com a mídia
- 67% afirmam que o fato de sua pesquisa ser coberta por veículos de comunicação tem impacto positivo entre seus pares
- 25% acham que falar com a mídia pode facilitar acesso a financiamentos
- 38% dizem que escrever sobre sua pesquisa para a mídia pode tornar mais fácil um artigo ser aceito por um periódico científico

Relação dos cientistas com as mídias

- Chamou a atenção que poucos cientistas faziam divulgação científica em redes sociais, mesmo o Brasil sendo um dos países mais conectados do mundo e o mais conectado na AL
- 88% da população acessava em 2019 Facebook, YouTube, Twitter (X), Instagram...
- Em média, cada pessoa passaria 4 horas conectado

Relação dos cientistas com as mídias

- 73% desses cientistas usavam redes sociais apenas para contato com amigos e parentes ou para acessar informações
- 30% possuíam site para divulgar suas pesquisas, enquanto 63% não tinham por costume divulgar pesquisas em sites, blogs ou redes sociais
- Perda de oportunidade de se comunicar diretamente com o público

Relação dos cientistas com as mídias

- Voltando à pesquisa de 2019 do CGEE/MCTI
- 90% dos brasileiros não sabiam citar um nome de cientista
- 88% não souberam indicar instituições que produzem ciência e nem mesmo as universidades foram citadas neste sentido
- Ou seja, coletivamente, comunicamos mal

Ciência na corda bamba

- Destaque da ciência brasileira na epidemia do Zikavírus em 2015-2016 e na Pandemia de Covid-19, com grande produção científica nas áreas biomédicas e também nas ciências sociais
- Porém uma ciência quem vem sendo deteriorada com mais força desde 2016: cortes nos orçamentos, demissão de cientistas acusados de agirem ideologicamente a partir de 2019 (Galvão, INPE, desmatamento)
- Descrédito que já vinha com movimentos antivacina desde que se relacionou vacina e autismo, em 1998

Ciência na corda bamba

- O que teve como resultado:
- Reaparecimento do sarampo, depois do Brasil ter sido considerado território livre
- Entraves à vacinação contra a Covid
- As baixas coberturas hoje vacinais até mesmo para a gripe
- Fica a pergunta: PORQUE AS ASSOCIAÇÕES BENÉFICAS DAS VACINAS NÃO GANHAM TANTO ESPAÇO NO IMAGINÁRIO SOCIAL?

Por que manter esse diálogo com a população?

- Se há uma parcela que ainda confia na ciência, temos saída, apesar de não conseguirmos atingir a totalidade da população
- É possível dizer que o cientista enquanto pessoa pode ser visto como mais confiável que a ciência enquanto instituição que pode ser associada aos governos que “escondem a verdade”
- A comunicação pode sensibilizar a tomada de decisões de população e tomadores de decisão (recursos, editais)

E como manter esse diálogo com a população em tempos de fake news?

- *Fake news* não acontecem sem um contexto sociopolítico (o descrédito paulatino antivacina, governos e cientistas negacionistas)
- Elas são veiculadas com verossimilhança, ou seja, têm aparência de verdade e tentam ser críveis
- Usam de formatos da mídia ou redes sociais da mesma forma que veículos considerados sérios
- Se apoiam na palavra de supostas autoridades (médicos, enfermeiros, secretários de saúde, cientistas “renegados”)

E como manter esse diálogo com a população em tempos de *fake news*?

- Uma postura bélica ou de tentativa de convencimento não garante bons resultados nesse sentido
- Não se deve, seja nos casos de fake news ou da divulgação científica em geral, se utilizar do MODELO DE DÉFICIT, um modelo de comunicação que considera o público ignorante, a ser iluminado pelo conhecimento científico
- Não se deve tomar esses sujeitos como sem conhecimento. Eles possuem conhecimentos construídos dentro dos contextos que citamos

E como manter esse diálogo com a população em tempos de *fake news*?

- Não adianta despejar dados, fatos e evidências, por mais coerentes que sejam, apenas para contrapor o que as pessoas pensam
- Entender o que os faz acreditar numa direção oposta deve ser nosso ponto de partida
- Uma postura mais freireana pode ajudar, ou seja, partir do universo do próprio público

E como manter esse diálogo com a população em tempos de *fake news*?

- Não temos controle das fake news, nem podemos evitar que elas cheguem a esses públicos, mas podemos muni-los de ferramentas para lidar com elas
- Uma das estratégias pode ser mostrar ao público não especialista como a própria ciência funciona
- Acreditamos em nossos campos científicos por entendemos como ele constrói suas verdades

E como manter esse diálogo com a população em tempos de *fake news*?

- Boa parte do público não especializado não sabe o que é etnografia, por exemplo
- Ao apresentar uma pesquisa antropológica não devemos apenas apresentar resultados, mas como chegamos a eles
- Como é que constituímos nossos dados em pesquisas de campo, através da observação participante, das entrevistas informais, convivendo com comunidades e sujeitos

Como escrever para públicos de não especialistas?

Traduzindo antropologia e outras ciências

1) Definir para qual público se pretende falar. É impossível querer abranger todo mundo. Serão as pessoas de suas próprias redes? São as pessoas que são atingidas por aquele tema/ São gestores das políticas públicas?
2) Cuidar com uso de jargões e termos específicos. Se usar conceitos, explique eles imediatamente na sequência utilizando metáforas e aproximando do cotidiano das pessoas

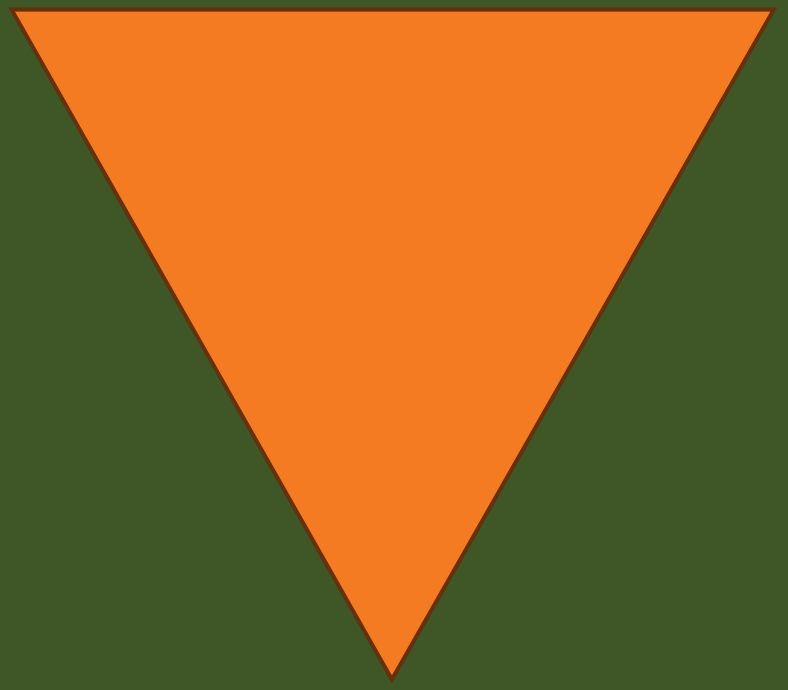
NADA É ÓBVIO

Sempre evitar tomar os conceitos como óbvios, como se não necessitassem de explicação, mesmo os mais corriqueiros como CULTURA, SOCIEDADE, TERRITÓRIO, IDENTIDADE

Do que estamos falando quando os usamos?

3) Ir direto ao ponto sem enrolar as pessoas, ou seja, não recue muito no tempo para depois chegar onde quer. É impossível falar de tudo: selecione os pontos-chave

4) Tente começar com algo interessante que chame a atenção e não espante o leitor de cara com fórmulas ou conceitos complexos. Mas mostre que tm algo novo ou interessante pra mostrar



Pode-se pensar numa pirâmide invertida, do tópico mais importante ou interessante ao menos

5) Não basta apresentar dados, tem que chamar a atenção: as primeiras linhas, os primeiros segundos têm que deixar claro que virá algo interessante

6) Não apelar para mudanças na forma de falar, ou mesmo empobrecer demais a linguagem para explicar, ou ainda ficar repetindo a mesma informação

Começar com a descrição de imagens de impacto, com passagens marcantes é uma saída

IMAGINE VOCÊ...

VOCÊ ACHA QUE...

O QUE VOCÊ FARIA...

7) Terminar com algo que chame a atenção da temática para a vida cotidiana, apontando para políticas públicas, por exemplo

8) Evitar conclusões que repetem o que já foi falado. Uma boa saída é indicar outras perspectivas sobre o tema (futuras pesquisas)

Jamais dê a entender que a pesquisa traz uma solução definitiva para algo

CURAS MILAGROSAS

PROPAGANDAS ENGANOSAS

9) Escrever de forma clara, simples e concisa

10) Usar frases e parágrafos mais curtos que habituamos usar em artigos científicos

11) Usar frases na ordem direta: SUJEITO > VERBO > PREDICADO

Exemplo: **Ordem Direta:** *As crianças brincavam alegremente no jardim florido.*
Ordem Indireta: *No jardim florido, brincavam alegremente as crianças*

Nunca comece a escrever sem planejamento, considerando que o tempo e o espaço são curtos

O QUE QUERO RESPONDER?

QUAIS PERGUNTAS FARIA O PÚBLICO?

O QUE VALE RESSALTAR DENTRO DE UMA GRANDE PESQUISA?

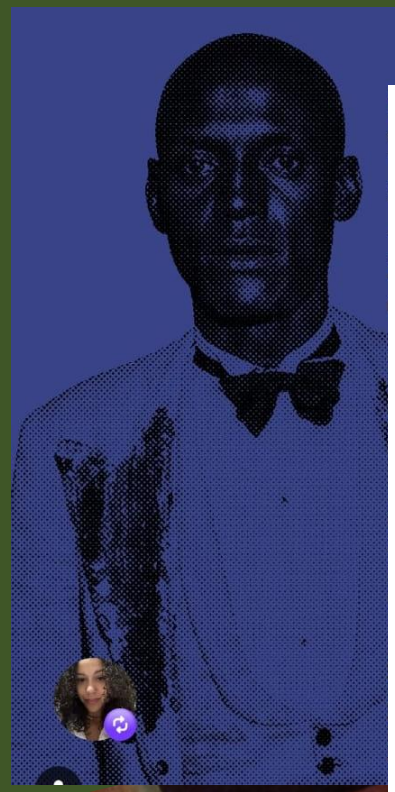
11) Usar exemplos deixa o tema mais concreto para o público:

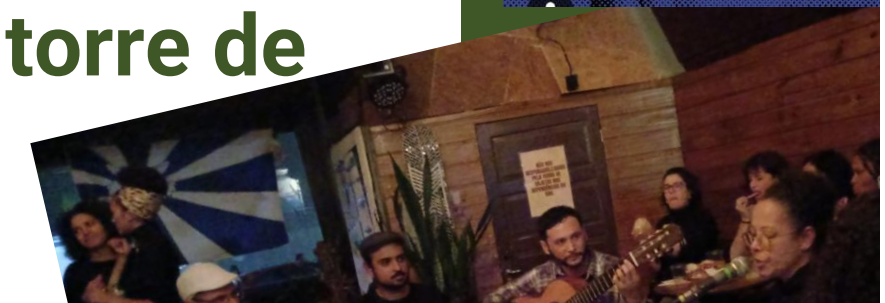
Utilizando descrições de situações reais vindas da pesquisa

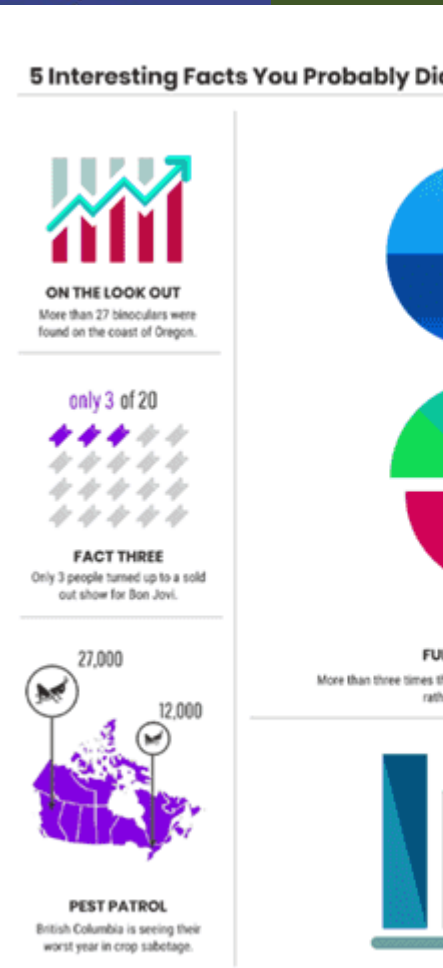
Humanizando o tema através de exemplos de pessoas que vivem diretamente o tema em questão

Humanizando a sua própria participação como alguém de carne e osso que esteve em campo, “fora da torre de marfim”

Use materiais de apoio que podem beneficiar o entendimento do texto







Exemplo 1

SILVA, Marcos Aurélio da. **Territórios do Desejo. *Performance, Territoralidade e Cinema no Festival Mix Brasil da Diversidade Sexual***. Tese (Doutorado em Antropologia Social), PPPGAS, UFSC, 2012

Esta tese apresenta uma etnografia dos processos de realização e organização do Festival Mix Brasil de Cinema da Diversidade Sexual, realizado em São Paulo anualmente, desde 1993, e empreende uma análise antropológica de seus processos de territorialização em relação à cultura audiovisual e às urbanidades contemporâneas. Partindo dos campos antropológicos de Gênero, Performance e Territorialidade, e na interface com teorias da Comunicação e Cinema, elaborei esta etnografia, em duas edições do Mix Brasil, 2009 e 2010, percorrendo territórios do festival e da cidade, bem como através de um recorte descritivo e histórico de sua estrutura (programação, filmes, eventos especiais, plateias, salas de exibição, catálogos e campanhas publicitárias). Chamo especial atenção para o modo como os festivais de cinema e o próprio cinema podem ser lidos como atividades e territórios transnacionais, em que os indivíduos tecem relações com base em processos de modernização, proeminente nas metrópoles. Destaco, ainda, as relações que podem ser tecidas entre os processos de territorialização da "cultura gay" urbana e as formas de apreensão, recepção e uso das imagens, apontando produções territoriais semelhantes que permitem elaborar o conceito de imagem-território. Este conceito torna-se útil para se pensar como cada imagem pode apontar e conectar territórios diversos, mantendo cada enquadramento e cada sequência prenhes de significados ou em constante produção simbólica ao olhar dos espectadores e programadores dos festivais. (RESUMO DA TESE)

Exemplo 1

SILVA, Marcos Aurélio da. **Territórios do Desejo. *Performance, Territoralidade e Cinema no Festival Mix Brasil da Diversidade Sexual***. Tese (Doutorado em Antropologia Social), PPPGAS, UFSC, 2012

Um festival de cinema é muito mais do que a exibição de filmes e pode ser visto como uma forma luta por identidade e ocupação política da cidade. É o que mostra a pesquisa de doutorado de Marcos Aurélio da Silva que estudou o Festival Mix Brasil de Cinema da Diversidade Sexual, que acontece em São Paulo todos os anos desde 1993. O autor fez uma etnografia do Mix Brasil, ou seja, percorreu os espaços do festival na cidade e conviveu com cineastas e espectadores para descrever programação, filmes, eventos especiais, plateias, salas de exibição, catálogos e campanhas publicitárias. O pesquisador defende que festivais como o Mix Brasil podem também ser vistos como espaços transnacionais, ou seja, se conectam a outras cidades e festivais internacionais de cinema do mesmo tipo e com os temas da diversidade sexual que os filmes de diferentes lugares do mundo trazem. Ao se conectarem com temáticas que circulam em outras metrópoles, esses sujeitos se constituem como sujeitos modernos em contraponto com as situações de LGBTfobia que vivem localmente aqui no Brasil. O autor criou na tese o conceito de imagem-território para explicar como cada imagem em voga no festival se conecta com outros territórios e cria novos espaços onde as identidades LGBTs podem ser vividas e possíveis. (NOTÍCIA DA TESE)

Exemplo 2

Diplomacias Ameríndias no Brasil Meridional. 19 e 22/06/2026 – Sala Silvio Coelho dos Santos (110 – Bloco B – CFH). Organização: Antonella Tassinari e Diógenes Cariaga

Se a célebre premissa da "sociedade contra o Estado" de Pierre Clastres iluminou a recusa à centralização do poder coercitivo como eixo da ação indígena, as etnografias mais recentes sobre o Brasil Meridional nos convidam a alargar esse horizonte. Este seminário propõe explorar o caráter profundamente ativo e reflexivo da ação política dos povos Kaingang, Laklaño/Xokleng e Guarani (Mbyá, Avá e Kaiowá), cujas trajetórias transbordam a mera resistência institucional. Sob a ótica das Diplomacias Ameríndias e da Cosmopolítica, o que se pretende debater são estratégias e alternativas que os coletivos articulam, como as redes de parentesco, o manejo do território e a diplomacia xamânica como relações de negociação com o Estado e com a alteridade (humana e não-humana). O objetivo da atividade busca mapear as estratégias e alianças vitais que, ao articularem a recusa política e a composição cosmo-ontológica, garantem a autonomia e o bem-viver desses povos frente às persistentes ameaças coloniais e territoriais que os cercam. (MATERIAL ENVIADO PELOS PESQUISADORES)

Exemplo 2

Diplomacias Ameríndias no Brasil Meridional. 19 e 22/06/2026 – Sala Silvio Coelho dos Santos (110 – Bloco B – CFH). Organização: Antonella Tassinari e Diógenes Cariaga

Evento da UFSC debate ação política dos povos indígenas.

“Diplomacias Ameríndias no Brasil Meridional” é o seminário que será realizado no dia 19 na UFSC pelo Laboratório de Estudos em Etnologia, Educação e Sociobiodiversidades (ARANDU/NEPI), Laboratório de Antropologia, Etnografia e suas Variações e INCT Brasil Plural (IBP). O encontro propõe explorar o caráter profundamente ativo e reflexivo da ação política dos povos Kaingang, Laklaño/Xokleng e Guarani (Mbyá, Avá e Kaiowá), cujas trajetórias transbordam a mera resistência institucional. “A nossa proposta é discutir a ação política indígena. Quando a gente pensa em política, a gente pensa em Estado e em partido político. E o nosso seminário procura discutir a política em outros termos. Deslocar um pouco da discussão de Estado e partido”, explica a coordenadora do evento, Antonella Tassinari (PPGAS/UFSC/IBP). (TEXTO FEITO PELA ASSESSORIA – VANESSA)

A notícia completa: https://brasilplural.paginas.ufsc.br/2026/06/15/evento-da-ufsc-debate-acao-politica-dos-povos-indigenas/

Para escrever bem

Para escrever um bom texto de divulgação científica, ajuda muito conhecer bons textos desse tipo, lendo muito

Para conhecer estratégias de escritas simples que levam ciência a públicos diversificados e de ampliação de nosso vocabulário

Jornal da USP, **Ciência Hoje** (SBPC)

Exercício de hoje

Pegar o próprio resumo de projeto de pesquisa (tese, dissertação, pós-doc, qualquer projeto científico) e transformar num texto de divulgação em linguagem voltada para um público não especializado, de preferência com uma imagem, vídeo, ilustração ou infográfico produzido em campo.

Postar no grupo de whatsapp do curso, o que também vai ser uma forma de nos conhecermos melhor